

Contrabando

Smuggling

Douglas Gomes Silva (LEENA-UFES)¹

Resumo: Este ensaio visual apresenta as fotoperformances *Traficante do Conhecimento* (2025) e *Traficante da Tradição* (2025), obras que emergem de um processo reflexivo do artista sobre sua própria vivência. O díptico articula questões relacionadas à transmissão do saber, à preservação de tradições e às dinâmicas de poder e resistência na contemporaneidade. Ao explorar essas dimensões, os trabalhos se configuram como dispositivos críticos que interpelam a percepção sobre os processos de construção social e cultural.

Palavras-chave: fotoperformance; processo criativo; traficante; educação; tradição.

Abstract: *This visual essay presents the photo-performances Trafficker of Knowledge (2025) and Trafficker of Tradition (2025), works that emerge from the artist's reflective process about his own experiences. The diptych articulates issues related to the transmission of knowledge, the preservation of traditions, and the dynamics of power and resistance in contemporary society. By exploring these dimensions, the works are configured as critical devices that challenge perceptions about the processes of social and cultural construction.*

Keywords: *photo-performance; creative process; dealer; education; tradition.*

DOI: 10.47456/col.v15i26.50684



O conteúdo desta obra está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0

Recebido em: 3 de novembro de 2025.

Publicado em: 29 de dezembro de 2025.

¹ Mestre em Artes pelo PPGA-UFES, especialista em Práticas Pedagógicas para Professores e Bacharel em Arquitetura e Urbanismo (2018), ambos pelo IFES. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2498-1777>.

Há corpos que não pedem permissão para atravessar. Há gestos que resistem à ordem do mundo, pequenas insurgências que respiram nas frestas da norma. O díptico *Traficante do Conhecimento* (2025) e *Traficante da Tradição* (2025) emerge como ação poética que faz do contrabando um modo de existir, uma estética da desobediência, uma ética do risco, um corpo que pensa o trânsito entre saber e memória. O artista encena o perigo e o faz matéria. Coloca-se entre mundos como quem transporta o que não pode ser mercadoria: o saber e a cultura.

Nas imagens, o preto, o cinza e o branco não se reduzem à ausência ou presença de luz. São forças em disputa, o visível e o invisível, o institucional e o popular, o permitido e o interdito. Cada contraste é também uma tensão entre modos de existir, entre o que se quer silenciar e o que insiste em ser ouvido. O rosto coberto não é disfarce, mas inscrição: o anonimato torna-se estratégia, o silêncio se converte em grito. A imagem, nesse contexto, não ilustra, negocia. Torna-se território de disputa e reinvenção, lugar onde se pensa a política da visibilidade.

Traficar livros é reverter a lógica da falta; é devolver ao ensino o poder de circular livremente. Traficar doces é redistribuir o excesso de memória; é transformar o gesto em partilha afetiva. O ato é mínimo, mas sua potência é política. Entre o objeto e o corpo, o artista constrói um dispositivo de resistência simbólica, onde a balança – instrumento de precisão – converte-se em metáfora do desequilíbrio estrutural: o peso do conhecimento, o valor da tradição, a medida desigual do mundo.

Traficar, verbo interditado, aqui se torna verbo libertador. Não há crime, há criação. Não há comércio, há partilha. A pedagogia do desvio se inscreve como poética da sobrevivência, um modo de aprender a viver à margem, inventando brechas dentro dos sistemas que tentam capturar o corpo e o saber. Entre a herança e o desejo, entre a memória coletiva e a autonomia individual, o díptico se afirma como gesto de contrabando simbólico; propõe uma reflexão sobre o

que circula, o que é autorizado a circular e o que precisa ser contrabandeado para continuar vivo. Em suas mãos, o contrabando deixa de ser transgressão econômica para se tornar movimento poético, um gesto que devolve à arte sua vocação insurgente. Um saber em fuga, uma memória que insiste, um corpo que atravessa o limite para continuar sendo.

**A EDUCAÇÃO NÃO
REVOLUCIONA O BAILE, A
EDUCAÇÃO REVOLUCIONA
OS CRIAS, OS CRIAS
REVOLUCIONAM O BAILE.**

Funk! (Free Culture)



